
Faço minhas as suas palavras: da apropriação à invenção de novos sentidos para a crítica na/da arte

Elida Tessler *

“escrever sobre o escrever é o futuro do escrever”

Haroldo de Campos

Galáxias de Haroldo de Campos é um texto para ser lido, relido, olhado, revisto, escutado, dito e, sobretudo, sempre reinaugurado. Expoente da criação literária, coloca em órbita as nossas noções acerca do que vem a ser uma obra, uma obra de arte, que reúne o universo sonoro e visual da palavra escrita, criando uma elipse de sentidos com começo e fim relativizados.

Pois estas mesmas *Galáxias* nos projetam ao futuro desde quando foram publicadas pela primeira vez em 1984, nos indicando o caráter revolucionário da linguagem quando liberta dos padrões de uma gramática severa.¹ Haroldo de Campos dedicou treze anos de sua atividade como escritor-poeta-professor para inventar um livro-viagem sem letras maiúsculas, sem parágrafos definidos, sem numeração de páginas, sem sinais gráficos de pontuação, sem subcapítulos ou mudança do estilo de fontes que pudessem guiar o leitor na cadência da leitura. Aliás, escritor e leitor aqui se mesclam na aventura de percorrer a associação de imagens criadas pelas palavras em cada um de seus fragmentos, com evocações diretas à história da literatura, à história da arte e à história da cultura em seu sentido mais amplo. “O

*Elida Tessler é artista plástica e professora do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS. Realizou doutorado em História da Arte Contemporânea na Université de Paris I - Panthéon-Sorbonne (França). Foi fundadora em 1993 e coordenou até 2009, junto com Jailton Moreira, o Torreão, espaço de produção e pesquisa em arte contemporânea, em Porto Alegre. É pesquisadora do CNPq.

povo é um inventa-línguas”, diz Haroldo na página em que nos apresenta o *circulado de fulô*. Inventemos então a nossa maneira de nos relacionar com o ritmo estabelecido pela sequência das palavras, com a liberdade de escolhas das referências históricas, com a sonoridade dos idiomas trazidos ao tecido do texto, com o polimento das ideias, digo, das arestas, até que estas se transformem em diamantes preciosos na construção do pensamento. Quando a relação palavra<>imagem assume sua potência medular, é capaz de criar outros horizontes prováveis para a arte.

De forma explícita ou não, parece que, quando inicio a escrita de um texto, este traz consigo o começo como medida, não como o que inaugura, mas como o que dá continuidade a uma conversa anterior, a uma fala inacabada. Eis a razão de tantas conjunções em *Galáxias*, fundando o lugar dos interlocutores no texto. Ao escrever, já estamos interagindo com camadas e camadas de textos. Em gesto arqueológico, escavamos com palavras o buraco do qual salvaremos o livro, ou a arte, seja em que suporte for.

E aqui começo a apresentação do tema deste dossiê, proposto pelos editores da revista *Poiésis*. Acredito estar correspondendo ao ensejo de verificar as relações entre a arte e a atividade crítica nela inserida quando decido colocar o foco na palavra escrita e na potência de seus deslocamentos por entre diferentes formas da criação artística. É uma espécie de arremesso. Há muitos artistas que se preocupam sistematicamente em experimentar e compreender o papel da linguagem e o seu significado no contexto das artes visuais. Joseph Kosuth é um dos primeiros e mais insistentes, criando matéria para nosso espírito investigativo. Desde o início dos anos 60, este artista vem apresentando instalações, exposições de obras em museus, galerias e espaços públicos, e ainda publicações de textos nos convocando a refletir junto com ele em torno da relação palavra<>imagem. Esta contratação, ou espécie de ajuste, é o ponto disparador da organização deste dossiê.

São dez perguntas que norteiam os últimos dez anos de minha pesquisa, seja no âmbito da Universidade, onde atuo como professora, seja no contexto mais amplo que uma produção continuada, com proposições artísticas e textos reflexivos, dispostos a discutir acerca do estatuto da presença da palavra escrita na arte contemporânea, em seus diferentes contextos. São dez perguntas que continuam a me motivar a fazer exatamente o que faço: não procurar as respostas, mas configurar distintas maneiras de apresentar estas indagações, tentando

buscar dispositivos adequados para apresentá-las a um público mais amplo. Em outro momento teremos a oportunidade de ampliar este comentário. Mas o que me interessa mesmo é evocar a palavra como matéria, a palavra como gesto, a palavra como posicionamento e como instrumento de corte, abrindo espaço entre o que se quer dizer e aquilo que é possível inscrever como discurso. E quando há a quebra do discurso? Fica o curso das coisas, o fluxo do pensamento. Eis aqui a relação mais intrínseca, na contração proposta pela aproximação palavra<>imagem. O universo da palavra é imenso. A amplitude de seus usos é incontornável. A situação específica da presença da palavra escrita em produções de arte contemporânea é o foco de interesse que eu gostaria de compartilhar neste momento. Os aspectos de sua apresentação e o contexto em que aparecem, quando analisados, trazem para mais perto de nós as intenções do artista. O suporte onde se fixam as palavras, por exemplo, é de extrema importância. Antes de tudo, o artista é um produtor de ideias, e esta é uma responsabilidade do artista contemporâneo. O espectador/leitor completa a obra, sendo que o contexto onde ela é apresentada incorpora-se ao seu significado. Não há mais como separar os elos desta corrente, já há muito apontada por Marcel Duchamp, em seu já notório texto “*O ato criador*”:² Em todo o caso, eis as perguntas norteadoras de minhas proposições atuais e que, de certa forma, propus implicitamente aos autores dos textos que compõem este dossiê:

- 1) Onde a palavra?
- 2) Quando a palavra?
- 3) Como a palavra?
- 4) Por que a palavra?
- 5) De quem a palavra?
- 6) De onde a palavra?
- 7) Para quem a palavra?
- 8) Para onde a palavra?
- 9) Pode ser qualquer palavra?
- 10) Você me dá a sua palavra?

A décima pergunta transformou-se em título de uma de minhas proposições artísticas iniciada em 2004, hoje assumida com um *work in progress ad infinitum*, quando optei pelo procedimento de escolher um objeto do cotidiano, um prendedor de roupas de madeira, e solicitar

ao meu interlocutor que escreva uma palavra, *a sua palavra*, em parte visível do objeto e em sua língua materna. Esta prática, iniciada no mês de novembro de 2004 em Macapá (AP), está inserida em um projeto criado por mim já há 18 anos intitulado *Falas inacabadas*, e este trabalho não tem data para ser finalizado, aspirando a um *para sempre* inerente a quem vive o dia a dia como uma vida inteira.

Uma pergunta gera outra pergunta. Na maioria das vezes em que proponho “*Você me dá a sua palavra?*” nos mais variados idiomas, surge quase imediatamente a seguinte questão: “*Pode ser qualquer palavra?*”, o que já considero uma acrobacia da proposição, uma salto triplo sem rede, por tratar-se de um lance do pensamento rumo a uma possibilidade extremamente ampla. Qualquer palavra! Reforço, então, quase como um balbucio: *a sua palavra*. Como se este apontamento fosse o suficiente para sublinhar o caráter íntimo de minha solicitação, o chamamento por aquilo que vem de dentro, e que pode gerar um discurso próprio. A sua palavra, aquela que poderia identificar o sujeito, fazendo-o reconhecer em si um atributo ou um ideal. Da proa da palavra avista-se um horizonte. Qualquer palavra, quando escrita em um prendedor de roupas torna-se subitamente uma palavra especial.

Quando convidei Lucila Tragtenberg, Manoel Ricardo de Lima e Eduardo Veras para escreverem um texto direcionado a este dossiê, não me senti muito distante de meu procedimento artístico. Afinal, quem solicita um texto pede a palavra. Cada qual enviou sua contribuição em estado de suspensão, como prendedores de roupa a serem pendurados em um fio condutor. Apresentei a cada um deles a ideia de que a relação palavra<>imagem é produtora de crítica ao mesmo tempo que de obra artística, e pedi reações.

Lucila Tragtenberg, que acaba de lançar um CD intitulado “*Voz, verso e avesso*”³, traz para o texto o estilo de relato, assumindo todos os passos para a criação de suas interpretações das composições musicais de Livio Tragtenberg e dos poemas e transcrições de Haroldo de Campos, processo este que durou cerca de quinze anos de trabalho. Neste artigo há algo inédito para a autora: a palavra é portadora de um gesto crítico e percorre o entrecruzamento de linguagens: as artes visuais, a música, a literatura. A presença da palavra escrita, dita, cantada, vista (no caso da apresentação gráfica do encarte do CD) e sobretudo ouvida torna-se o eixo comum de suas reflexões. Algo importante a ser comentado nesta apresentação é o fato de Lucila manter o aporte teórico e metodológico da crítica genética. Desta forma, não deixa

de nos fazer conhecer os seus documentos de processo, abrindo também a possibilidade de elaborações de novas críticas, com os mesmos pontos de partida, mas com viabilidade de criação de diferentes posicionamentos. Importante dizer, e segundo o depoimento de Lucila Tragtenberg, que o ato de escrever este texto a fez elaborar o luto da perda do amigo pela primeira vez. Quem não está mais aqui está.

Manoel Ricardo de Lima, poeta, escritor, editor e professor, parece conversar literalmente, e pelo viés da literatura, com os artistas plásticos Eduardo Frota e Nuno Ramos. São deles que vêm as palavras que parecem tocar Manoel Ricardo. Não que a palavra deva estar escrita na obra, ou moldada nas formas escultóricas de um ou de outro. É de um dizer que se trata. Os modos de uso da palavra são disparadores para as suas formas de apresentação. Como dizer aquilo que resta quando, ao mesmo tempo, é a própria palavra que sobra? Nestas produções, a palavra pode assumir o lugar do título da obra ou de uma série de trabalhos, pode ser texto escrito pelo artista ou pode estar presente na obra literária que impulsiona um e outro a continuar produzindo. Manoel Ricardo aponta-nos práticas de persistência e nos provoca a perceber a palavra como uma fala. De seus modos de uso pode surgir uma operação crítica.

Mas o que é uma fala? Uma fala é a capacidade de produzir sons em algum padrão de uma língua. Que seja! Ficaremos aqui com a analogia do som e do sentido, do ruído e do silêncio, daquilo tudo que se possa escutar a partir do esforço em fazer nascer uma ideia. Fala é murmúrio. Fala é falha. Fala é grito. Fala é criação. Neste caso, eis o que diz Nuno Ramos: *“Criar cada detalhe. Se for pendurar algo, por exemplo, criar o grampo. Se o grampo estiver pendurado no teto, criar o teto. Se for o teto de uma casa, criar a casa ou, se estiver a céu aberto, criar o céu aberto.”*⁴ Desta forma, e como nos diz Manoel Ricardo na abertura de seu artigo, a palavra é o que chama, é o que convida algo a existir. Mesmo que de uma forma instável, com vacilações e oscilações, como são as estruturas do artista Eduardo Frota, convocadas a dialogar ativamente com as demais formas de uso da linguagem por outros artistas e pensadores contextualizados por Manoel Ricardo. Pra este autor, *a fala é a pauta do tempo*.

Eduardo Veras compartilha conosco um exercício: abre seu artigo com a transcrição de um texto de parede anotado no âmbito de uma exposição de Joseph Kosuth em Madri.⁵ A partir deste momento, abdica de qualquer inclusão de imagens nas páginas desta revista reproduzindo obras de arte. O texto é a obra e, ao mesmo tempo, gera outros trabalhos, com

diferentes autorias. Dois questionamentos essenciais: *Onde está o trabalho? Quem é o autor?* Além destas indagações críticas ao extremo, Eduardo Veras trabalha o debate em torno do duplo papel assumido por Joseph Kosuth neste contexto: ser artista e ser curador ao mesmo tempo. Mas justamente, não estaríamos todos nós, hoje, sendo pelo menos mais de um, ou melhor dito, exercendo mais de uma atividade em uma mesma proposição artística?

É muito evidente a diferença entre ser um portador de sentido ou um portador de mensagens quando se trata do potencial linguístico de trabalhos como o de Joseph Kosuth. É ele quem pergunta: *“Pode a arte expressar ou dizer tudo o que se pode dizer?”* Logo em seguida nos aponta: *“A resposta, supostamente, é sim, mas o que se pode dizer dentro da arte define, em determinado momento, a arte mesma.”*⁶

Espero que os leitores possam incluir-se nestas indagações tanto quanto eu ao usufruir das proposições inseridas neste conjunto de textos. Neste momento, somos todos “convidados e estrangeiros”, apropriando-me de um dos instigantes títulos do artista Joseph Kosuth, para reinventar conceitos e praticar a crítica na arte contemporânea, com todos os elementos que ela possa nos oferecer.

Notas

1 GALÁXIAS foi escrito entre 1963 e 1976 e publicado em 1984 pela editora Ex-Libris, São Paulo.

2 DUCHAMP, Marcel. “O ato criador.” In: BATTOCK, Gregory (org). *A nova arte*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1975.

3 O CD *Lucila Tragtenberg Voz, Verso E Averso*, gravado com patrocínio do Programa Petrobras Cultural, ficou pronto em 2009 e será lançado em 2011. Ele tem o registro de mais de quinze anos de parceria com o músico Lívio Tragtenberg e com o poeta Haroldo de Campos. Assim, as músicas que integram o repertório do Cd são de autoria de Lívio Tragtenberg, sobre transcrições e poemas de Haroldo de Campos.

4 RAMOS, Nuno. *Cujo*. Rio de Janeiro: Ed. 34,1993.

5 A exposição de Joseph Kosuth foi intitulada *Located Work (Madrid)* e apresentada na La Casa Encendida, 2008.

6 KOSUTH, Joseph. *El noveno memorando, para Invitados y Etranjeros* in: Catálogo da exposição *Invitados y Etranjeros*: Terra Ultra icognita. Centro Atlántico de Arte Moderno, San Antonio Abad, 27.2.2007 – 15.04.2007. Las Palmas de Gran Canaria, Espanha. v.1, p. 23.